



GT 07 - Direito à Cidade, Cultura e Memória: Reparação e Reconhecimento na Política Urbana Contemporânea – a Cidade como um Bem Comum

O SOM DA CIDADE: O MANGUE BEAT COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem como objetivo principal discutir e propor atividades didático-pedagógicas através da música do movimento mangue beat refletir acerca do ensino das relações étnico-raciais no contexto da Geografia escolar no ensino médio. Trata-se de um estudo com proposta didático-pedagógica que aproxima arte e a geografia para compreender a paisagem da cidade de Recife-PE.

O caminho metodológico abrangeu uma abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e documental, além de trabalho de campo, que se concretizou na realização de oficinas pedagógicas, tendo o Movimento Mangue beat como base para a aproximação da geografia e as relações étnico-raciais com a musicalidade do movimento supracitado anteriormente. (Denzin; Lincoln, 2006)

Os procedimentos aplicados foram, instrumentos e técnicas em formato de oficina havendo debates sobre a temática e contextualização das músicas do movimento mangue beat sobre os aspectos socioespacial da cidade de Recife para compreender a extensão da paisagem da cidade no entorno da escola. Logo, projeto pretende aproximar a educação das relações étnico-raciais e a Geografia escolar, utilizando a música como recurso didático-pedagógico para despertar nos estudantes do ensino médio da rede pública de ensino da Região Metropolitana do Recife, de forma lúdica e prazerosa, o interesse por temáticas que tratam da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Já que diversas músicas, ritmos, sons, letras produzidas pelo mangue beat tratam de temas como desigualdades sociais, identidade cultural e territorial, histórias de lutas e resistências dos povos negros e originários, vivências espaciais dos diversos grupos étnico-raciais.



2 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

A escolha da escola campo foi feita com a colaboração das docentes do componente curricular Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Geografia da IFPE – Campus Recife. Vale salientar que a escola fica próxima do manguezal e área de grande segregação social, locais esses onde ocorreram as aulas de campo dos educandos do ensino médio, e diante desse artefato foi inevitável não abordar as questões do Movimento Manguê Beat.

A escola mantém uma relação de parceria com a IFPE, facilitando a logística e o acompanhamento das atividades de estágio e residência pedagógica. Essa proximidade também permite uma colaboração contínua entre as instituições, enriquecendo o processo formativo dos licenciandos em Geografia.

2.2 CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTO MANGUE BEAT

Cláudio Morais de Souza (2001) conceitua o Movimento Manguê Beat como uma iniciativa de um grupo de jovens artistas pernambucanos (músicos, compositores, artistas plásticos, cineastas, entre outros) que buscavam compreender e transformar a cena local dos anos 1990. Esses jovens, conhecidos como manguêboys, criaram uma nova paisagem cultural em Recife, marcada pela fusão de ritmos regionais, como o maracatu, com elementos sonoros das guitarras elétricas e alfaias. O movimento não se restringiu à música, abrangendo diversas manifestações artísticas e culturais, e ganhou força dentro do espaço urbano de Recife.

O Movimento Manguê Beat surgiu em Pernambuco, formado por jovens que utilizavam a música para discutir aspectos sociais como a inclusão social e a escassez socioeconômica da área do manguezal. O nome surgiu referente a junção da palavra mangue com a palavra bit (unidade de memória de computadores). Conforme o cenário da época, o movimento trouxe uma cena musical bem diversificada, misturando ritmos regionais pernambucanos em suas músicas como: maracatu, frevo, ciranda, caboclinho, além do pop e rap e entre outros ritmos (Ferraz, 2018). Com suas letras e sonoridades, resgata as raízes afro-brasileiras, que consistem nas histórias que evidenciam a identidade cultural de Recife.

Assim como o parque do Jardim secreto, que se localiza ao redor do Rio Capibaribe no bairro Poço da Panela em Recife. Tanto o rio quanto o manguê beat dialogam com a paisagem natural e urbana da cidade, refletindo a diversidade que existe entre eles e a complexidade socioespacial da cidade. Ou seja, ao relacionar esses dois fenômenos



observados durante a oficina em campo, podemos compreender como a musicalidade do movimento e a paisagem local têm uma conexão profunda com a identidade e a resistência da cidade.

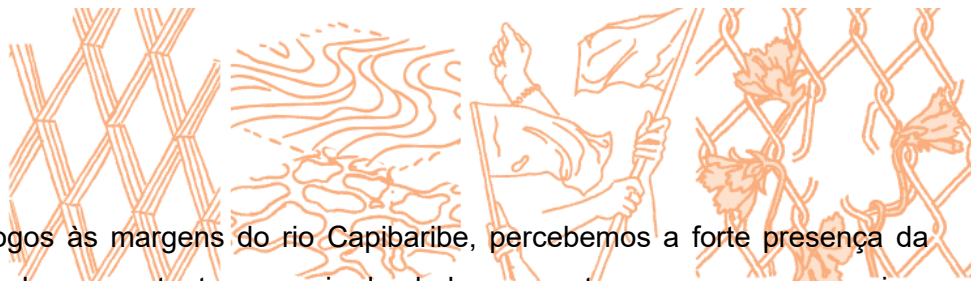
Conforme Lefebvre [2000], compreendem-se os espaços pelos seus símbolos instalados no território. O valor simbólico ganha significados próprios, o território se apresenta em meio a cada grupo que o ocupa. Isso quer dizer que o espaço é (re)significado perante os grupos sociais. Sendo assim, buscamos dialogar com a oficina aplicada em formato de aula de campo no espaço do Poço da Panela, no bairro de Recife, às margens do rio Capibaribe, já que nosso maior propulsor para refletir sobre a questão central é compreender os símbolos presentes na paisagem do bairro Poço da Panela em Recife. Foi diante dessa percepção que foi possível identificar as desigualdades sociais vivenciadas na paisagem da cidade.

Figura 1- O primeiro ponto da oficina de campo



Fonte: Autora, 2025.

. No primeiro momento, foram avistados os arranha-céus, a verticalização do Recife, como destacado na figura 1, e toda a agitação da metrópole, com muitos carros e um trânsito bastante caótico. Mais à frente, em torno de 400 metros da escola, a paisagem se modificou: deixamos os prédios luxuosos para trás e passamos a estar à margem do Rio Capibaribe, onde foi perceptível a presença da população negra em seu entorno conforme a figura 2 do segundo ponto da oficina de campo.



Entre os diálogos às margens do rio Capibaribe, percebemos a forte presença da população negra tirando seu sustento por meio das balsas que atravessam os passageiros de um lado para o outro, cruzando o rio. Ao refletir sobre quem são esses indivíduos que vivem às margens do Rio Capibaribe e trabalham nele, tornou-se notório que eles têm cor – uma cor carregada de história, cultura e resistência.

Figura 2- Segundo ponto da oficina



Fonte: Autora, 2025.

A aluna E enfatizou que a travessia pelo rio custa apenas R\$ 2,00 (dois reais), o valor que o balseiro recebe por cada pessoa transportada. Esse comentário reforçou a reflexão sobre as desigualdades socioeconômicas evidenciadas no espaço geográfico de Recife. Os estudantes, de forma geral, desenvolveram um senso crítico maior sobre a desigualdade socioespacial ao notar, em menos de 300 metros, a mudança abrupta da paisagem. Um dos estudantes comentou: "Antes, a gente tava coberto pelos prédios, e agora, no rio, percebo a marginalização dos negros."



3. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as atividades desenvolvidas na instituição parceira escolhida, foi possível constatar que a realização de ações como oficinas, rodas de conversa e debates sobre a promoção de uma educação das relações étnico-raciais tem grande aceitação pelos estudantes, além do mais pode impactar positivamente a comunidade escolar e servir de modelo para replicar em outras instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Ivonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Literatura e espaço: aproximações possíveis entre arte e geografia. In: SOUZA, Adáuto de Oliveira et. al. **Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa**. Dourados: Editora UFGD, 2011.
- Lefebvre, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*, Editora Ática São Paulo: 1991.